



**Jornalismo em tempos de infodemia:
desafios profissionais na região sul do Tocantins**

**Journalism in times of infodemic:
professional challenges in the southern region of Tocantins**

Nathalia Costa Soares¹

Ana Carolina Costa dos Anjos²

Resumo: A pesquisa analisa os impactos da pandemia da Covid-19 nas rotinas de jornalistas em Gurupi (TO), destacando desafios frente à infodemia. Com abordagem qualitativa e entrevistas semiestruturadas, o estudo aponta precarização do trabalho, perda da humanização e novos critérios de noticiabilidade, contribuindo para o debate sobre jornalismo local no interior da Amazônia Legal.

Palavras-chave: (Des)Informação. Jornalistas. Pandemia. Amazônia Legal. Tocantins.

Abstract: This research analyzes the impacts of the COVID-19 pandemic on the routines of journalists in Gurupi (TO), highlighting challenges in the face of the infodemic. Using a qualitative approach and semi-structured interviews, the study points to the precariousness of work, loss of humanization, and new criteria for newsworthiness, contributing to the debate on local journalism in the interior of the Legal Amazon.

Keywords: (Dis)information. Journalists. Pandemic. Legal Amazon. Tocantins.

¹ Recém-graduada em Jornalismo pela Universidade de Gurupi (UnirG). Atua em assessoria de comunicação, com experiência em reportagem, redação e produção de conteúdos audiovisuais. E-mail: nathaliacostaares@gmail.com

² Orientadora do Trabalho. Jornalista, doutora em Sociologia. Atualmente, professora visitante no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG/Betim). E-mail: carolcdosanjos@gmail.com



Introdução

A investigação que apresentamos neste artigo tem origem na convergência entre práticas extensionistas e inquietações acadêmicas. Entre 2021 e 2023, participamos do projeto de extensão “*Rum, conversa!*”, voltado à formação crítica sobre desinformação e fake news em escolas públicas e privadas de ensino médio e técnico, no município de Gurupi (TO). Essa experiência, somada ao trabalho de conclusão de curso de Nathalia Costa, com orientação de Ana Carolina, realizado em 2023 sobre fluxos informacionais e infodemia, evidenciou a necessidade de aprofundar o exame das condições de trabalho de jornalistas em contextos não centrais do país. A partir dessa trajetória, delineamos esta pesquisa, cujo propósito é refletir criticamente sobre os impactos da infodemia e da plataformização nas rotinas produtivas do jornalismo local.

O ecossistema comunicacional contemporâneo é marcado pela intensificação dos fluxos informacionais, processo que, durante a pandemia de Covid-19, ficou mais evidente demonstrando a tensão entre velocidade e verificação jornalística. Nesse cenário, difundiu-se o termo infodemia³, utilizado pela Organização Mundial da Saúde para designar o excesso de informações (verificadas ou não) que circulam em ritmo acelerado e comprometem a mediação crítica. Paralelamente, os processos de plataformização da sociedade e das práticas comunicacionais (Dijck; Thomas; Wall, 2018) que implicou em mudanças nas formas de produzir e consumir informações (Nicoletti, 2019).

A literatura tem enfatizado os impactos desse cenário sobre a credibilidade e legitimidade do jornalismo (Fidalgo, 2005; Pereira Júnior, 2006). Entretanto, grande parte das análises privilegia experiências de regiões geopolíticas centrais, negligenciando como esses processos se manifestam em regiões periféricas, como o Tocantins (estado brasileiro da região Norte e da Amazônia Legal). Essa lacuna torna-se relevante porque jornalistas locais operam em condições de precariedade estrutural, enfrentando o imperativo da velocidade e o

³ [...] um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus. (OPAS; OMS, 2020).



compromisso ético com a notícia.

Esse quadro de precariedade torna-se ainda mais agudo quando se observa o contexto da pandemia de Covid-19, que enfatizou ainda mais o aceleração, imediatismo e a necessidade de obter informações para lidar com a doença desconhecidas. A ausência de dados consolidados e a ansiedade social culminou em uma ampliação da circulação de conteúdos não verificados, intensificando a presença de desinformações em mídias digitais. Para jornalistas locais, o desafio consistiu em manter a credibilidade da profissão justamente quando a pressão pelo tempo real se sobrepunha à verificação factual. Nesse cenário, o exercício da profissão demandou de ajustes e reconfigurações nos processos de apuração, mas sem abandonar o alicerce deontológico da produção jornalística: buscar fontes confiáveis e propor uma mediação pautada em fatos (Pereira Júnior, 2006).

Dito isso, este texto apresenta nossa pesquisa sobre como os fluxos de desinformação e a lógica da plataformização reconfiguram os critérios de noticiabilidade e os processos de apuração em dois portais de notícias locais de Gurupi (TO), no período de 2020 a 2023. Nosso objetivo é compreender os modos de produção jornalística nesse contexto, examinando as estratégias de apuração, os dilemas éticos e as formas de legitimação profissional.

O texto está organizado em quatro seções, além desta introdução, a saber o percurso metodológico, no qual explicitamos o desenho da pesquisa; arcabouço teórico, com a discussão de conceitos como infodemia, noticiabilidade e plataformização; apresentação e discussão dos resultados; e, por fim, as considerações finais, em que sintetizamos contribuições e limites do estudo.

2. Percurso Metodológico

A pesquisa possui abordagem qualitativa, natureza básica e pode ser classificada como uma pesquisa exploratória, pois tem o intuito de adquirir novos conhecimentos direcionados a problemática da pesquisa. Ademais, objetivamos familiarizar o tema abordado, trazendo à margem das discussões e propondo hipóteses. “Pode-se afirmar que a maioria das pesquisas realizadas com propósitos acadêmicos, pelo menos num primeiro momento, assume o caráter de pesquisa exploratória, pois nesse momento é pouco provável que o pesquisador tenha uma



definição clara do que irá investigar” (Gil, 2022, p. 41).

Nesse pesquisar exploratório, para alcançar os objetivos realizamos um estudo de caso, para tanto lançamos mão de entrevistas semiestruturadas, com formato de entrevistas por pauta, orientadas por pontos de interesse da pesquisa. Assim, buscamos traçar um perfil dos jornalistas e dos seus ambientes de trabalho. Vale lembrar que os processos de

[...] realização de entrevistas de pesquisa é muito mais complexa que entrevistas para fins de aconselhamento ou seleção de pessoal. Isso porque a pessoa escolhida não é a solicitante. Logo, o entrevistador constitui a única fonte de motivação adequada e constante para o entrevistado. Por essa razão, a entrevista nos levantamentos deve ser desenvolvida a partir de estratégia e tática adequadas. A estratégia para a realização de entrevistas em levantamentos deve considerar duas etapas fundamentais: a especificação dos dados que se pretendem obter e a escolha e formulação das perguntas (Gil, 2022, p. 112).

Uma vez realizadas as etapas fundamentais (especificação de dados e formulação de perguntas), os próximos passos foram selecionar os interlocutores do estudo, no caso, os jornalistas Clifton Moraes (site ‘TO notícia’) e Jairo Santos (site É Notícia Tocantins) e, então; agendar e realizar as entrevistas. Vale ressaltar que, embora houvesse um esforço das pesquisadoras e dos entrevistados para realização presencial das entrevistas, devido à incompatibilidade de agendas foi preciso realizá-las de forma online (plataforma Google meet). Soma-se que pela convivência com ambos os interlocutores no município de Gurupi, encontros em outros espaços e momentos, acesso aos perfis profissionais dos jornalistas em plataformas digitais e acompanhamento dos sites, todo o processo de familiarização com as informações obtidas na entrevista foi possível ser ampliada.

Em 03 de outubro de 2023, foi realizada a primeira entrevista, com o jornalista Jairo Santos, redator e proprietário do jornal online ‘É Notícia’. Jairo também foi repórter da TV Anhanguera (afiliada da Rede Globo de Televisão), onde atuou por dez anos. Durante a entrevista, foram abordados os percalços da rotina jornalística - antes e depois da Covid-19, e os impactos da pandemia na precarização do trabalho, desde o acúmulo de funções, até as repressões que sofreu com o fluxo de informações e as desinformações que as acompanhavam. No dia 06 de outubro do mesmo ano, entrevistamos Clifton Moraes, redator e proprietário do



jornal online ‘TO notícia’. Clifton também atuou em diversas áreas do jornalismo (assessorias, produção e repórter para rádio, TV e meios digitais). Na entrevista, abordamos temas como as mudanças nas formas que as informações chegam e o distanciamento com o público que a pandemia causou. Clifton afirmou sentir falta da ‘essência’ do ‘jornalismo de rua’, do contato pessoal com as fontes e até da ausência de humanização nas relações sociais. Como mencionado, o formato da entrevista foi com roteiro semiestruturado e escolhemos fazer uma entrevista por pautas. Assim, no primeiro bloco as perguntas buscavam traçar o perfil pessoal dos jornalistas, já no segundo, foi feita uma pesquisa do perfil profissional.

Em seguida, todas as entrevistas foram transcritas e submetidas a codificação sistemática, na qual identificamos categorias iniciais alinhadas aos objetivos da pesquisa. A análise seguiu os pressupostos da abordagem interpretativa (Strauss; Corbin, 2008) e da análise temática (Braun; Clarke, 2006), correlacionando as categorias emergentes ao contexto sócio-histórico dos jornalistas locais e aos temas que surgiram durante a coleta de campo. Essa articulação metodológica permitiu organizar e interpretar os dados de forma consistente, preparando o terreno para o desenvolvimento subsequente do estudo de caso.

3. Duras Penas da Rotina Jornalística: Foco no Sul do Tocantins/Amazônia Legal

Neste subtítulo apresentamos autores como Fidalgo (2005), que descreve como a precarização do trabalho do jornalista já acontece há alguns anos e em outras partes do mundo, e também a professora Sueli de Figaro *et al.* (2021a, 2021b), que traz um viés mais voltado para o contexto brasileiro e de crise sanitária. Ademais, são apresentados outros autores(as) que dissertam sobre o processo de precarização e desafios da rotina nas redações jornalísticas contemporâneas.

Os processos de precarização das condições de trabalho dos(as) jornalistas é marcado pela na baixa remuneração econômica, e cada vez mais volumes grandes de demissões, diminuição das redações e contrato de jovens menos qualificados e/ou estagiários para lugares antes ocupados por profissionais de renome e experiência (Fidalgo, 2005; Nicoletti, 2019).

O avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) é também outro fator que compõem o processo da precarização nas rotinas de trabalho de jornalistas. Associando ao



fator de ‘facilitação de produção de conteúdo comunicacional’ tem-se o trabalho a distância, popularizado como *home office*. Não apenas jornalistas, mas vários (as) profissionais não possuem condições materiais e intelectuais para realizar seus trabalhos e/ou as empresas não viabilizam essa adaptação para que o trabalho seja executado. Assim, surgem problemas como a falta de manejo com o(a) trabalhador(a) e questões práticas de prescrições para o desenvolver do trabalho, como apontam Roseli Figaro e colaboradoras(es);

[...] por se tratar de uma mudança inédita em seus segmentos de trabalho na comunicação, requer o repensar ou a criação de prescrições para o trabalho (FIGARO, 2008a) e até mesmo de novas relações de trabalho. Dessa forma, ao apontar a falta de regras, *de orientações, de manuais para a realização do trabalho remoto, os comunicadores identificam assim um déficit de prescrições* (TELLES; ALVAREZ, 2004) para o trabalho que deixa a cargo dos próprios trabalhadores *a invenção de objetivos e meios para o trabalho*. (Figaro *et al.*, 2021b, p. 77, grifos nossos).

As mudanças estruturais da sociedade associadas a exigência do aumento da produtividade e rentabilidade também foram fatores que influenciaram os meios de produção e consequentemente os processos de produção de conteúdos informacionais. Mudaram também os/as ‘detentores das notícias’, que antes eram jornalistas (Braga *et al.*, 2014). E, neste sentido, que Fidalgo (2005) aponta a internet como um dos elementos sociotécnicos que marcou o trabalho de jornalistas de forma irreversível, desde construção das pautas, passando pela construção da notícia com checagem e veiculação. Roseli Figaro *et al.* (2021a, 2021b) dá um outro passo e discute questões do aprofundamento da precarização, como ausência de prescrições para o trabalho remoto

A pauta da precarização no e do trabalho de jornalistas vem de longa data. Um marco anterior que não pode deixar de ser - mais uma vez - mencionado é a queda do diploma, em 17 de junho de 2009, onde se torna inconstitucional a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão. Diversos são os ângulos para se olhar para ‘queda do diploma’, nesse contexto um ponto pouco lembrando é que:

[...] a proposta de criação do Conselho Federal de Jornalismo, órgão fiscalizador proposto pela Federação Nacional dos Jornalistas ao Ministério do Trabalho para substituir a atuação das delegacias regionais na concessão



de registro profissional, foi rejeitada, em votação simbólica, por acordo de líderes, na Câmara dos Deputados em dezembro de 2004. A proposta de auto-regulamentação profissional apresentada pelo Poder Executivo em nome da Fenaj não chegou sequer a ser debatida em plenário (Brittos; Nazário, 2006 *apud* Braga *et al.*, 2014, p. 114).

Diante do exposto tem-se que uma (dentre outras) propostas de autorregulamentação da profissão de jornalistas não chegou nem a ser debatida no legislativo. Já em contextos institucionais/organizacionais, esses debates passam pelos interesses econômicos e políticos das empresas que produzem informação e pelos valores éticos e deontológicos que regem a profissão do jornalista.

Ainda que precarizado o trabalho jornalístico, durante o período da pandemia de Covid-19, foi posto novamente como um trabalho essencial. Principalmente as fontes oficiais e veículos com percursos consolidados que eram vistos como ponto de contraposição frente as influenciadoras fontes não oficiais, sobretudo diante das incertezas de uma pandemia que assolou a saúde de toda a população.

Os termos mais citados, além de sim e de não, são as palavras: ‘essencial’, ‘trabalho’, ‘comunicação’, ‘informação’, ‘pandemia’ e ‘informações’. Ou seja, temos aí a composição de uma sentença: informação/informações/comunicação é trabalho essencial na pandemia. (Figaro *et al.*, 2021b, p. 77-78).

O combate à desinformação e notícias falsas por meio do jornalismo e da comunicação foi visto como um trabalho essencial, em especial, no contexto da pandemia. E os interlocutores dessa pesquisa trouxeram essa perspectiva a partir do território sul-tocantinense, localizado no interior da Amazônia Legal, mas antes de adentrar ao tema apresentamos, em algumas linhas, esses jornalistas.

O jornalista Jairo do Carmo Santos se formou em jornalismo pela Universidade de Gurupi - UnirG, e antes de se formar, em um projeto experimental, criou o site de notícias “Já é notícias” juntamente com dois colegas da faculdade. Logo depois, o projeto acabou seguindo somente com Jairo e passou a se chamar “É notícia TO”, ou seja, um dos seus trabalhos como jornalista surge no contexto de formação universitária.



Com quase dez anos de formação, Jairo já perpassou por diversas áreas do jornalismo, tais como: radiojornalismo em rádios locais, alguns artigos para jornais online de Gurupi, além do site “É notícia TO”, e no telejornalismo, onde consolidou sua carreira e, atualmente, segue desenvolvendo uma carreira digital concomitante a outros trabalhos. Jairo trabalhou na TV Anhanguera, atuando como repórter, redator e editor. No momento, Jairo estreia o programa “Povo na TV”.

O jornalista Clifton Moraes também se graduou na Universidade de Gurupi - UnirG, em 2012, e seguiu com os estudos. Clifton é mestre em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins. Além do mestrado, sua carreira acadêmica tem a atuação como docente no curso de Jornalismo da UnirG. Suas experiências como jornalistas são como repórter na TV Anhanguera, produtor do SBT, diversas assessorias de imprensa e é proprietário e redator do site “TO Notícia”. Clifton mescla em sua carreira práticas de ‘chão da redação’ e fazeres jornalísticos como também a verticalização universitária e docência.

Uma vez apresentados nossos interlocutores de pesquisa, iniciamos a discussão sobre a rotina de trabalho deles. Vale lembrar que a precarização do trabalho de jornalistas se dá em diversas vertentes, principalmente se analisadas no período pandêmico, alguma dessas apareceram nas entrevistas. Clifton descreve a distanciamento com as fontes como uma das formas de fragilização da profissão. A perda da ‘essência’ do ‘jornalismo de rua’ e da humanização do e no trabalho.

O acúmulo de funções ocasionada pelos cortes nas redações foram sinalizadas por Jairo Santos que também percebe outras mudanças e diz que:

[...] as empresas de comunicação tiveram que fazer cortes. A TV Anhanguera e a Organização Jaime Câmara não foi diferente, e automaticamente tive que acumular funções. Antes eu era o repórter que recebia a pauta pronta, gravava e ia embora. Na pandemia, eu fazia a pauta, redigia, corrigia e gravava, editava a matéria. Desde acompanhar até fazer. (Santos, 2023, em entrevista).

O que os jornalistas entrevistados apontam sobre a sobrecarga e mudança no processo de produção de notícias vai de encontro com as pesquisas de Fidalgo (2005) e Roseli Figaro *et al.* (2021a, 2021b), isto é, pesquisas feitas em momentos e países diferentes, mas que confluem



explicando os desafios da carreira. Redações menos numerosas, foi uma das alternativas para conter gastos ao longo do século XX e XXI, mas na pandemia o processo se agravou.

Não só isso, mas estruturalmente as maneiras de se informar modificaram. Fidalgo (2005) cita a internet como um dos fatores que fomentaram a precarização e desvalorização da profissão e dos profissionais. No sentido de ter acelerado o processo de retirada dos jornalistas da centralidade na difusão das informações. Atualmente, o próprio público busca informações com autonomia, e isso exige muitas vezes do jornalista processos de busca, escrita e divulgação da notícia mais rápida e se valendo formas de escritas mais próximas aos princípios do marketing (Nicoletti, 2019).

Fígaro (2008 *apud* Fígaro *et al.*, 2021b) afirma que essas mudanças inéditas na profissão e na rotina jornalística requerem uma reflexão relacionada às prescrições e novas maneiras de trabalho.

O distanciamento, por sua vez, fez se perder a humanização e proximidade com a fonte e o público. Clifton Moraes afirma o apreço que tem pelo contato presencial com a fonte. “Eu gosto muito do contato direto, prezo pelo contato com a fonte, isso de você sentir dá toda a diferença na produção do texto.” (Moraes, 2023, em entrevista).

Já Jairo diz que, devido a pandemia, as entrevistas precisavam ser remotas, assim sem o contato direto, perdeu-se a ‘essência’ do que é chamado pela TV Globo de ‘jornalismo de calçada’ ou ‘*in loco*’. Outras mudanças também foram sentidas durante a pandemia, assunto que abordamos no próximo subtítulo.

3.1. ‘Chegada’ das informações às redações

Os jornalistas foram indagados sobre os processos de chegada das informações às redações e Jairo Santos conta que no período que trabalhou na TV Anhanguera (2014 até o ano de 2022), antes da pandemia as tarefas eram bem divididas, cada profissional desempenhava funções específicas na equipe. Mas com a pandemia, o quadro de jornalistas foi diminuído e houve acúmulo de funções nas redações, com isso, a busca pelas informações também sofreu mudanças. Comumente os jornalistas buscavam pelas informações e pautas, mas com as mídias digitais e o distanciamento social, os consumidores de informações vieram até os jornalistas em busca de solucionar os ‘imbróglios’ que a pandemia ocasionou. Ou seja, as informações



chegavam em forma de perguntas e dúvidas sobre a nova doença e suas consequências socioeconômicas e sanitárias. Neste momento, era imprescindível recorrer a fontes oficiais como definidores primários (Pena, 2012) da notícia, para não causar alardes e informar da menor maneira possível. Jairo aponta que

Sempre buscávamos o bom relacionamento com comitês e a secretária de saúde, porque dependíamos de informações para repassar. Sempre mostrando o ‘caos’ e buscando as informações oficiais, a fim de não criar tanto alarde. (Santos, 2023, em entrevista).

O processo de escolha das fontes durante o período de pandemia também estabelece grande relevância para pensar quem tem voz e quem não tem. O que chega até a sociedade e até a forma como essa informação pode ser interpretada pelo público que a recebe (Fernández-Sande *et al.*, 2020).

Antecedente ao período da pandemia do Covid-19 eram realizadas as rondas, que consistem em ligar para as fontes oficiais todos os dias, cavar pautas e/ou para averiguar as informações. Clifton afirma que eram rotineiras, mas a pandemia modificou isso. As informações fizeram o caminho contrário, embora já acontecesse houve um acirramento da busca do público pelos canais de comunicação para terem voz. “Antes, nós jornalistas, íamos atrás das informações, e durante a pandemia, elas vinham até nós. E isso nos deixou na zona de conforto.” (Morais, 2023, em entrevista). Essa mudança também modificou e reestruturou os critérios de noticiabilidade usados comumente, assunto do próximo subtítulo.

3.2. Noticiabilidade e combate a desinformação

Segundo Figaro (2021b), o combate à disseminação de desinformação deixou de ser somente tido como ‘correto’ e passa a ser essencial no contexto de pandemia. Algumas empresas de comunicação adotaram protocolos específicos para o combate à desinformação e os danos que elas causam. Sobre isso Jairo diz que: frente não seja isso. Nesse momento, com as evidências é possível produzir uma matéria. [...] tendo o compromisso com a verdade e com a checagem dos fatos. (Santos, 2022, em entrevista).

De acordo com Clifton (2023, em entrevista), chegavam muitas informações nesse período e o crivo jornalístico foi crucial para a separação ‘do joio e do trigo’. A observação e a atenção ao que outros jornalistas dão notoriedade, e quais os critérios de noticiabilidade estavam



sendo utilizados naquele contexto da publicação também foram medidas a serem tomadas nessa avaliação.

Jairo (2023, em entrevista), também afirma que era difícil pensar até no tom de como passar aquela notícia, pois mesmo as informações científicas e verificadas eram tidas como não confiáveis. Clifton, ainda reverbera que as mídias digitais condicionaram a urgência dos processos, a facilidade de se ter as informações em mãos, exigia uma apuração ainda mais veloz que antes.

Conforme discute Braga, Aguiar e Bergamaschi (2014, p. 117): “Os critérios substantivos da noticiabilidade de um acontecimento estão, nessa visão teórica, relacionados à suposta ‘importância’ e ‘interesse’.”. Os autores ainda acrescentam que a internet modificou os critérios que antes eram frágeis e relativos ao público, refletindo mais a opinião que os jornalistas faziam deles, do que de uma pesquisa de opinião em relação aos consumidores dos produtos jornalísticos.

Ainda sobre os critérios de noticiabilidade vale lembrar que a transformação de um acontecimento em notícia não ocorre de forma aleatória, mas obedece a critérios específicos, que atuam como filtros na seleção das informações. Esses critérios são fundamentais para garantir coerência editorial, padronização e legitimidade ao trabalho jornalístico, uma vez que a prática profissional exige a redução dos fenômenos sociais a classificações operacionais (Wolf, 2003). Surgem, assim, a partir de debates sobre a cultura profissional do jornalista na contemporaneidade, a plataforma da sociedade, os novos processos produtivos da informação, arranjos econômicos e os mecanismos que buscam equilibrar a subjetividade inerente aos fatos com a objetividade demandada pelo jornalismo.

Considerações finais

A pesquisa empírica aqui apresentada permitiu lançar luz sobre aspectos pouco visibilizados do jornalismo praticado em regiões não centrais do Brasil, mais especificamente na cidade de Gurupi, sul do Tocantins, durante e após a pandemia da Covid-19. A partir da escuta de dois jornalistas atuantes em veículos locais e da articulação com referenciais teóricos intensificou processos de precarização já existentes, mas também gerou reconfigurações nas



rotinas produtivas, nos critérios de noticiabilidade e nas formas de relação com as fontes e o público.

O distanciamento social em consonância com as mídias sociais digitais trouxe perdas consideráveis no processo de produção das notícias, na ‘humanização’ das matérias, a falta do contato pessoal com as fontes, todos esses foram fatores relatados pelos jornalistas. Esse afastamento fez com que alguns elementos da identidade de jornalistas se modificassem.

Entre os principais achados, destacamos a percepção de uma dupla tensão: de um lado, a urgência por produzir e publicar rapidamente, alimentada pelas dinâmicas das plataformas digitais; de outro, a responsabilidade ética com a checagem dos fatos e o combate à desinformação. Essa tensão impactou diretamente na qualidade do trabalho jornalístico, nas condições materiais de produção, na própria identidade profissional dos jornalistas entrevistados e nos processos de escolha sobre ‘o que’ e ‘como’ publicar no contexto da pandemia.

A massiva circulação de informações, muitas vezes falsas, traz para o jornalismo tocantinense, o desafio de reafirmar a sua relevância em um contexto marcado pela fragilidade dos limites da veracidade e da desinformação. A urgência é de que o jornalismo regional transcenda a ‘somente’ informar, e assuma um papel que guie para caminhos de debates que carreguem narrativas sociais verdadeiramente comprometidas. Assim, ao enfrentar dilemas da desinformação, a prática jornalística se reafirma como pilar da construção da preservação da verdade e manutenção da cidadania.

Outro ponto evidenciado é que na pandemia houve uma centralidade da informação jornalística como bem público, ao mesmo tempo em que (re)expôs as fragilidades estruturais da profissão: sobrecarga, redução de equipes, acúmulo de funções e ausência de protocolos claros para o trabalho remoto. Ainda assim, os depoimentos revelaram esforços de reinvenção cotidiana, solidariedade entre colegas e reafirmação do compromisso com a veracidade das informações. Jairo, por exemplo, cita o apoio que recebiam nas redações, onde os colegas de trabalho ajudavam e cooperavam entre si.

Por fim, a pesquisa aponta que é preciso que os processos formativos ou formação contínua de jornalistas deem maior atenção às práticas jornalísticas em territórios periféricos da mídia nacional, como o sul do Tocantins. Estudos como este buscam contribuir para a



construção de um olhar descentralizado, sensível às realidades locais e às dinâmicas específicas que atravessam o fazer jornalístico fora dos grandes centros. Afinal, os processos e fazeres jornalísticos em regiões que não são centrais se dão de formas distintas, antes, durante e após a pandemia, o que se faz uma agenda para as próximas pesquisas.

Referências

- BRAGA, A. *et al.* O chão de fábrica da notícia: contribuições para uma economia política da práxis jornalísticas. **Intercom**, São Paulo, v. 37, n.1, p. 111-132, jan./jun. 2014.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- FERNÁNDEZ-SANDE, M. *et al.* Dependencia y pasividad en la selección de fuentes informativas en el periodismo radiofónico en España. **Revista Espanola de Documentacion Científica**, v. 43, n. 3, 2020.
- FIDALGO, J. Novos desafios a um velho ofício...ou um novo ofício? A redefinição da profissão de jornalista. In: PINTO, M. MARINHO, S. (org.). **Os Media em Portugal nos Primeiros Cinco Anos do Século XXI**. Braga (Portugal): Universidade do Minho/ Campo das Letras, 2005. p. 10-16.
- FIGARO, R. *et al.* **Discurso jornalístico e condições de produção em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA USP: Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021a.
- FIGARO, R. *et al.* **Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19: ...1 ano e 500 mil mortes**. São Paulo: ECA USP: Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021b.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. Barueri: Atlas, 2022.
- MORAIS, Clifton. Entrevista 1 [out. 2023]. Entrevistadora Nathália Costa soares, Gurupi, 2023. 1 arq.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19**. Repositório Institucional para Troca de Informações (Iris). Brasília: Organização Pan Americana da Saúde, 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt>. Acesso em: 27 ago. 2024.
- PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- PEREIRA JÚNIOR, L. C. Os métodos de apuração. In: PEREIRA JÚNIOR, L. C. **A apuração da notícia: métodos de investigação**. Petropolis: Vozes, 2006.



SANTOS, Jairo. Entrevista 1 [out. 2023]. Entrevistadora Nathália Costa Soares, Gurupi, 2023. 1 arq.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. Introdução. *In*: STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 17–27.

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.